

DE JOSAFÁ DE ÓROS

O camafeu de Rimbaud

A Henry Miller

Depois que a cortina de névoa esmaeceu
Pude ver melhor:
O camafeu de Rimbaud é um espelho.

É lago infindo
Em vácuo
Porção onde afogo a cada dia
Meus personagens e mitos.
Afundo minhas máscaras
Reservo o horror de toda alma
Numa aventura sem precedentes.

Abismos para cima
Estranhos espasmos de morte
E meu espírito sozinho, absorto
Solúvel às tempestades.

Camafeu de cobre e azinhavre
Se te pulo, te aqueço
E saltas como gênio de luz
Do teu inferno, como tu,
Eu mesmo.

Naufrágio antigo

Impossível
Que esta água me banhe
Que Deus me assalte o espírito
E me ganhe.

A paisagem aí fora
É a mesma que se forja nas frestas
De minha alma.
Aí bem em frente – como um delírio daliniano –
A larga margem levemente azulada
Afunda embarcações estanques e silenciosas
Com seus mariscos incrustados.

Sonhos cinza
Esbranquiçados.
Madeiras apodrecendo
Tavernas e adegas amolecidas pelas águas
Cheias de minúsculos fantasmas.

Antigos seios de recordações
Pratarias cheias de aristocráticas memórias
Ornatos sutis, graves explorações.

a Anais Nin

Os seios desejosos de bicos rijos lampejam
Anseiam a fervorosa língua quente na boca
Na vontade de saciar-se, quanto desejam
Frêmito incontido, que voragem louca.

Tateando a cama toda em seus lençóis
A ninfa se contorce, rola e geme
Os dentes rangem, os olhos viram como caracóis
Evidenciando cio selvagem de La femme.

Um desejo tão forte e tão intenso
Faz inchar a glande a todo o sangue
Com o pulsar de um músculo tão imenso

E assim no espaço do fugaz e do perfume
Os sexos se bebem e o gozo espanje
Feito chama que se completa no lume.

Conversas sobre Vulcano

O centauro levantou-se!
Alardeou o anão
Com as barbas molhadas.

Da fogueira, onde ardiam destinos
Ergueu-se um pequeno flautim em chamas
Afeiçoou-se aos lábios do fauno moço
- Aquele que tinha nos olhos labaredas dançantes -
Subtraiu-lhe à pinça
Minúsculas ninfas da virilha em penugem.

Depois já era madrugada
A névoa densa, e
Nos campos embevecidos em sândalos
Tudo se fez grande rio e sonhos
Com artesãos medievais conversando
Sob o pórtico de um cipreste antigo.